

A TEORIA DAS DUAS ALMAS HUMANAS EM UM CONTO MACHADIANO

Cássia Casadei Vorpagel ¹
Daniele Oliveira ²
Rebeca Cristina Kerkhoven ³

RESUMO: Apresenta-se, nesta pesquisa, uma análise possível do conto “O espelho” de Machado de Assis. Essa releitura foi proposta pela disciplina de Literatura Brasileira ministrada pelo docente Paulo Konzen, a fim de que, todos os acadêmicos do 2º ano do curso de Letras passassem a conhecer um dos grandes romancistas da literatura brasileira, Machado de Assis. Os fundamentos teóricos utilizados para análise do conto apoiam-se em Bosi (2014); Albrecht, Viebrantz e Frank (2016); Candido (2012); Barros (2004); e Castro (2012). Objetivamos mostrar, por meio desta pesquisa, primeiramente, quem é Machado de Assis, como foi sua vida e como conquistou esse título de grande escritor brasileiro. Além disso, buscamos, para melhor entendimento dessa análise, fazer uma contextualização histórica do período em que a obra foi escrita. Na parte final da pesquisa, analisamos a obra por meio das várias teorias que são propostas, realizando um diálogo entre essas teorias, para conhecer o que os autores que analisam as obras de Machado, dizem a respeito dele e de suas criações literárias.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira; Machado de Assis; Conto “O Espelho”; Teoria da alma humana.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é resultado de duas etapas realizadas na disciplina de Literatura Brasileira, ministrada pelo docente Dr. Paulo Konzen, do 2º ano do curso de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. A proposta estabelecida foi, primeiramente, analisar um determinado conto ou romance de Machado, por meio de artigos indicados pelo docente, depois apresentar essa análise por meio de um seminário, e por fim, também, por meio de um artigo científico.

¹ Acadêmica do Curso de Graduação em Letras da Unioeste – Campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: cassiacasadei@hotmail.com.

² Acadêmica do Curso de Graduação em Letras da Unioeste – Campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: daniele.oliveira_@outlook.com.

³ Acadêmica do Curso de Graduação em Letras da Unioeste – Campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: becakerk@outlook.com.

Para realizar uma análise sobre o conto, lemos “O espelho: o esboço de uma nova teoria da alma humana”, e outros artigos abordando análises sobre o conto. Desta forma, fizemos nossa discussão em grupo para melhor promover as reflexões e apresentar para a turma.

Essa pesquisa e exposição foram muito proveitosas para nós, acadêmicas, visto que, somente ler Machado de Assis é diferente de analisar a obra com um olhar crítico e investigativo, pois Machado consegue escrever histórias que contêm no plano interior da narrativa, muitas pistas que são a chave para compreender a essência da sua criação artística, que é uma leitura que tira o leitor do modo *stand up*, incomoda, agride e nos deixa reflexivos.

Essas reflexões, com base em artigos, nos preparam melhor para quando adentrarmos em sala de aula, considerando que estamos tratando de um curso de licenciatura.

O corpo de texto desse estudo está dividido em quatro seções: 1) Conhecendo um grande nome da literatura brasileira; 2) Contextualização histórica: o Brasil da década de 1880; 3) “O Espelho”; 4) Uma análise do conto machadiano.

Na seção “Conhecendo um grande nome da literatura brasileira”, buscamos apresentar quem é Machado de Assis, como foi sua história de vida, e que o influenciou para se tornar um dos grandes romancistas brasileiros. Já na seção seguinte, “Contextualização histórica: o Brasil da década de 1880” mostra-se uma breve descrição da sociedade, os costumes e os acontecimentos históricos mais marcantes do período em que o conto foi escrito.

Na terceira seção, “O Espelho”, apresentamos uma síntese sobre a obra, para depois, incluirmos nossa análise, na seção, “Uma análise do conto machadiano”, por meio da relação que propomos entre as teorias para criar uma reflexão mais aprofundada sobre esta obra de Machado de Assis.

2. CONHECENDO UM GRANDE NOME DA LITERATURA BRASILEIRA

Joaquim Maria de Machado de Assis nasceu pobre e epilético. Foi criado no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, e não frequentou a escola regularmente. Aprendeu de forma independente, pois tinha muito interesse em leitura. Machado publica seu primeiro poema intitulado “Ela” no jornal “A Marmota Fluminense”, no ano de 1854. Aos 17 anos começou a trabalhar como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional.

A primeira fase da literatura machadiana é constituída por obras românticas, entre elas: “Ressurreição” (1872) e alguns contos, como por exemplo: “Contos Fluminenses” e “Histórias da meia-noite”.

Em 1873, ele começa uma carreira burocrática. Nesse período teve uma ligeira ascensão, considerando que, em 1892, já havia se tornado diretor geral do Ministério da Viação. O emprego público assegurou estabilidade financeira, até porque, naquela época viver como escritor era algo difícil, até mesmo para escritores mais talentosos.

Na década de 1880, a obra de Machado de Assis passa por uma verdadeira revolução, em termos de estilo e conteúdo; Machado inaugura o Realismo na literatura brasileira com o romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), e os contos “Papéis Avulsos” (1882), em que está o conto “O espelho”. Machado busca fazer uma profunda reflexão sobre a sociedade brasileira, sendo possível encontrar em suas obras características como o espírito crítico, a ironia e o pessimismo.

Suas obras são ambientadas no Rio de Janeiro, lugar em que viveu. Em 1897, Machado de Assis fundou a Academia Brasileira de Letras, da qual foi o primeiro presidente. José de Alencar foi amigo e teve grande influência na vida de Machado, ocupou a primeira cadeira da ABL.

Ter escrito em português, língua de poucos leitores, influenciou negativamente o reconhecimento internacional do autor. Somente no final do século 20, suas obras foram traduzidas para outras línguas, tais como inglês, espanhol e alemão.

Em suas obras, Machado trata de temas que interessam aos leitores e leitoras de todos os tempos, já que sua preocupação fundamental é com a condição humana.

Antes de ser realista, Machado é, acima de tudo, Machado de Assis, porque quando é interessante seguir os princípios do Realismo para sua narrativa, ele segue; caso contrário, quebra as expectativas e as regras do movimento literário em questão. Na seção de contextualização histórica abordaremos mais sobre isso.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: O BRASIL DA DÉCADA DE 1880

O Brasil mudou muito no período que vai de 1880 a 1930. O fim da escravidão e o crescimento das cidades foram os vetores de um processo de modernização que inclui a criação de novos estilos urbanos e o surgimento de favelas. Há uma modernização tecnológica

e uma transformação das referências culturais com o Modernismo. Na década de 1880, por uma série de motivos, ocorreu a queda da monarquia e, conseqüentemente, houve a Proclamação da República em 1889.

Em relação à arte, a exaustão da literatura romântica que se alimentava de um olhar idealizador da realidade, leva à consagração do realismo. Influenciado pelo cientificismo, que estava na moda na época, o movimento busca a descrição objetiva da realidade. Machado de Assis, considerado o maior escritor do período, não seguia rigorosamente esses princípios, sendo que sua carreira foi dividida em duas fases: a fase romântica (como já mencionado) e a fase de maturidade, em que enfatiza a conscientização psicológica e a reflexão sobre a existência, como nos romances: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*. E também em uma interpretação existencial contida no conto em discussão, “O espelho”.

Alguns autores contemporâneos de Machado adotaram o Naturalismo, que considera o homem fruto do meio em que vive e leva a observação ao nível de sua particularidade, em sua preocupação em descrever cientificamente a realidade. O principal representante dessa tendência no Brasil é Aluísio Azevedo, autor de “O Mulato” e “O Cortiço”. Raul Pompéia cria em “O Ateneu” um estilo heterogêneo, realista com traços naturalistas.

Ainda na mesma época, no que se refere à poesia, duas correntes dividem os artistas: o Parnasianismo e o Simbolismo. O Parnasianismo propõe o ideal da arte pela arte, opondo-se ao Romantismo, dando preferência a uma poesia descritiva, em que ressalta o respeito às regras e o gosto por temas clássicos. No Brasil, o movimento ganha a cena literária a partir da década de 1880 e nela permanece até o começo do século XX. O Simbolismo atenta a reaproximação da estética romântica, procurando o mais profundo do “eu” e buscando o inconsciente, o místico, o espiritual, o oculto e seus versos possuem grande musicalidade.

4. “O ESPELHO”

Jacobina é um homem de 45 anos e de origem humilde, que conseguiu ascender socialmente por conta de uma nomeação a um posto militar. Certo dia estava com mais quatro amigos em uma casa debatendo sobre a alma, o universo e outros assuntos. Jacobina, porém, mantinha-se calado e parecia não estar muito interessado no assunto. Quando um dos presentes exige que ele desse sua opinião, Jacobina diz que irá contar um episódio de sua

vida. Ele pretendia defender sua teoria de que cada pessoa possui duas almas: uma exterior e outra interior.

O personagem começa sua história contando que, quando tinha 25 anos, foi nomeado Alferes da Guarda Nacional, o que lhe garantiu uma mudança significativa de status. Sua família passou a elogiá-lo e a se orgulhar dele. Isto fez com que ganhasse um novo título: agora era o “Sr. Alferes”. Um dia, sua tia Marcolina o convida para passar alguns dias em seu sítio. Por conta do status de seu sobrinho, ela lhe oferece um quarto especialmente decorado para a visita ilustre, o que inclui a melhor mobília da casa e um espelho, proveniente da Família Real Portuguesa. A partir de então, tudo muda em sua vida. A percepção que tinha de si mesmo passa a ser aquela que outros tinham dele, e a pessoa que Jacobina era não existia mais.

5. UMA ANÁLISE DO CONTO MACHADIANO

“(…) ficou-me uma parte mínima de humanidade”.

(Machado de Assis — “O espelho”)

O conto “O espelho” começa pelo fim, conforme Bosi (2014), o protagonista Jacobina, outrora Joãozinho lembrará, na trama, de um fato de sua juventude por meio de uma conversa entre um grupo de amigos, que estão discutindo, conforme descreve Machado, sobre assuntos transcendentais. Nesta noite, o mais calado e casmurro dos que ali estão defenderá a tese de que os homens têm duas almas humanas, e não uma, como se costuma pensar (Bosi, 2014), ou seja, que o homem tem uma alma interior, que olha de dentro para fora, e uma alma exterior, que olha de fora para dentro.

Jacobina, sempre quieto, não gosta de discutir, pois acredita que discussões são o que restou de selvagem no homem. Por isso, quando propõe a expor sua teoria sobre as duas almas, não aceita que ninguém o interrompa e nem que façam alguma objeção diante do seu discurso.

Além da obra, tratar sobre as questões da alma humana, da contradição entre parecer e ser, também aborda, de acordo com Barros (2004), sobre a questão da identidade, ou seja, do problema da divisão do eu e do desdobramento da personalidade. Esse jogo de identidades entre o eu-narrante e o eu-narrado, se dá pelo fato que Jacobina, descrever a si mesmo como um outro, isso fica claro, segundo Castro (2012), por conta da Metalinguagem presente no

conto, que configura uma tensão entre quem narra e quem é narrado, não só por isso, mas também devido a distancia temporal existente dentro da narrativa, entre Jacobina e Joãozinho, fazendo com que, simultaneamente, os dois sejam uma outra pessoa. Nesse conto, portanto, há um clima de ambiguidade sempre presente, pois “a tensão no âmbito da identidade pessoal se dá pelo fato de que cada pessoa tem duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro” (CASTRO, 2012, p.623), portanto, no conto, há circunstâncias em que a perda da alma exterior implicava a dissolução da existência inteira.

Machado, aos pouquinhos, durante a narrativa vai deixando pistas sobre o que seria a alma exterior, que constituiria um novo Joãozinho, a partir dos status do novo cargo e do objeto que ganhara da tia, o espelho, quando induz Jacobina, no seu discurso, a falar como poderia ser essa alma: como “um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um **objeto**. (...) é preciso saber que a alma **exterior** não é sempre a mesma (...) muda de natureza e de estado” (Assis, 1985, p. 346). O adjetivo “exterior”, no decorrer do conto, acaba “significando cada vez mais o que é interiorizado, e este será o aparente paradoxo do conto, que narra a formação da autoimagem e da autoconsciência de Jacobina, não de dentro para fora mas de fora para dentro, a partir do olhar do outro” (BARROS, 2004,p.63).

Ao contar sua história, Jacobina, passa por um “processo de (re)estruturação e que, inusitadamente, confronta-se com o Outro que lhe habita, ou seja, com seu próprio desejo” (BARROS, 2004, p.63), nesse momento do conto, “o foco do narrador onisciente cede espaço para a voz individual de Jacobina, que a partir de então será o narrador reflexivo de seu destino” (BARROS, 2004, p.63).

Jacobina começa a narrar sua história, no momento em que acabava de ser nomeado Alferes da Guarda Nacional, nessa época era um menino pobre, e todos da família lhe chamavam de Joãozinho. Joãozinho considera que o fato de ter sido nomeado Alferes, “já representa o primeiro degrau em sua ascensão social: essa nomeação arrancará o moço da pobreza e da obscuridade e lhe abrirá o caminho para subir na vida” (BARROS, 2004, p. 64). Por meio dessa obra, Machado trata da ambição da ascensão social, que existia tanto naquela época quanto atualmente, por meio da história do seu personagem que procura se unir à aparência dominante através de um importante cargo que era reconhecido socialmente. Por tratar de um tema universal, sobre a alma humana, Machado consegue elaborar uma obra muito atual, muito além da sua época, por tratar dessa teoria, que os seres humanos têm duas almas, acaba entrando na questão da contradição entre ser e parecer ser, a qual todos os seres humanos estão sujeitos, pois, o indivíduo, além de ser o que ele sabe que é, ele também pode

ser o que os outros veem que ele é, e nessa dualidade de almas, que surgem os conflitos entre as almas internas-externas.

O status adquirido pelo cargo faz com que a família, parentes e até vizinhos passem a venerá-lo, fazendo com Joãozinho seja o centro de todas as atenções. Essa valorização aumenta quando vai passar uns tempos na fazenda de sua Tia Marcolina:

E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante. E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o "senhor alferes". (ASSIS, 1994, p.3).

Até esse momento, Jacobina ainda estava ligado ao seu nome de batismo: Joãozinho. No entanto, conforme sua tia e os demais parentes e conhecidos deixavam de se referir a ele como Joãozinho, e passavam a lhe chamar de Senhor Alferes, a alma exterior começava a crescer sobre a outra, sendo que essa mudança de nome, de Joãozinho para "Sr. Alferes", acaba sendo provocada devido à mudança de status social.

Isso se torna mais evidente quando a tia orgulhosa com o fato, segundo Barros (2004), cria uma atmosfera de extrema valorização do posto, chamando-o e fazendo com que os escravos também o chamem a cada instante "Senhor Alferes" de tal modo que este traço social acaba sendo uma segunda alma, indispensável para a integridade psicológica do personagem.

Essa alta valorização, sendo aumentada pelo status e a nomeação, fez com que o "sentido humano que o mundo exterior lhe restituía foi se afastando" e a "valorização de sua pessoa foi sendo substituída exclusivamente pela valorização do cargo que assumira" (ALBRECHT et al., 2016, p.2). O Alferes havia eliminado o homem:

O alferes eliminou o homem. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra se dispersou no ar e no passado. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente Alferes. (ASSIS, 1994, p.3).

A alma exterior que prevalecia, antes de Joãozinho ganhar um novo status social, através do seu novo cargo, se constituía pelos seus desejos de vislumbrar o mundo, namorar

as raparigas, que vai aos pouquinhos sendo substituída, por uma alma que é dependente dos outros, que se “alimenta” por meio das cortesias, honrarias e privilégios que outros, em sua volta, davam por causa da sua patente, ou seja, o status sobressai sobre o homem, sobre a alma interior, até ir apagando, e sobrar uma alma que só “sobrevive” da alta valorização da sua própria imagem. Isso fica mais evidente, conforme vai recebendo os privilégios dados pela tia em sua estadia na fazenda, que despertaram em Jacobina, um novo ser, com uma outra alma:

O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. (ASSIS, 1994, p.3).

Essa nova alma, que se sobressaía em relação à alma humana, se constitui no decorrer do conto por meio de dois espelhos, segundo Barros (2004), o primeiro espelho se forma antes da imagem reproduzida pelo nobre móvel, que ganhara da tia. Sua imagem já começa a ser formada no olhar e na fala dos outros. E quando recebe de Marcolina um espelho de presente, para ser colocado em seu quarto, que “representava o lustro da tradição e da distinção de que agora, com um cargo igualmente distinto, Jacobina fazia parte” (BARROS, 2004, p.66), esse objeto se torna o segundo espelho, porque reproduzirá a imagem que estava sendo formada de um novo Jacobina, criada pela sua passagem a Alferes. Por causa disso, Machado, nomeia esse conto, como “O espelho: o esboço de uma nova teoria da alma humana”, por se tratar de um reflexo de um homem, Jacobina, que narra sua história de vida, para explicar a teoria da alma humana, que, assim como ele, todos os seres humanos têm duas almas, a interior e a exterior, questões de ser e de parecer ser, que são modificados por conta do meio social.

A função do espelho se revela no momento em que a tia viaja, deixando as terras, a casa e os escravos para Jacobina administrar; porém, com sua saída, a alma dele começa aos pouquinhos a “morrer”, porque a pessoa que mais valorizava e enchia Jacobina de presentes e regalias era a tia; mas, na ausência dela, os escravos, mesmo com cortesias menores, conseguiam deixar acesa a segunda alma, lembrando ainda do Sr. Alferes. Contudo, passados alguns dias da viagem da tia, os escravos aproveitam que a administração da fazenda estava nas mãos de Joãozinho, que não se preocupava em cuidar de verdade das terras, para fugir, e

acabam levando os animais junto. Sem os escravos e a Tia, a qual iria demorar muitos dias para voltar, Jacobina se sente completamente sozinho.

Diante disso, segundo Barros (2004), Jacobina vê-se acometido nas sombras da solidão, por não ter ninguém para perto para “alimentar” sua alma, por isso, acaba perdendo sua alma exterior. E com essa perda, Jacobina é invadido por um “sentimento de solidão, de completa opressão, verdadeira angústia por estar sozinho: ‘Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico’.” (BARROS, 2004, p.67). Como sua alma exterior já não existia mais, porque não possuía status e admiração dos outros, para inflamar seu ego, buscava então, dormir, pois através dos sonhos, conseguia reproduzir situações em que sua alma interior voltava a ascender:

Dormindo, era outra coisa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: - o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono a consciência do meu ser novo e único -porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava. (ASSIS, 1994, p.5).

Assim, através dos sonhos, buscava conseguir o que não tinha quando estava acordado, que era fama, status, a dádiva social que são tão almejados por Jacobina, que ainda não tinha isso concretamente alcançado, pois estava em processo de conquista. Esses sentimentos de mal-estar e de angústia, que surgem com a perda da sua alma exterior, de acordo com Barros (2004), só são amenizados quando, em determinado momento, o Alferes decide fitar o espelho - algo que já não fazia havia algum tempo - e se depara com uma imagem difusa:

[...] desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. (...) não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. (ASSIS, 1994, p.5).

O reflexo exibiu o quanto sua imagem externa estava danificada em razão da ausência dos outros: “não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra.” (ASSIS, 1994, p.5). Jacobina não conseguia reconhecer seu corpo, a imagem que era

reproduzida no espelho era de um corpo “mutilado”, ou seja, não “havia como reconhecer o corpo inteiro, completo, pois lhe faltava uma parte – a parte que nos falta sempre, o desejo que se inscreve corporalmente na visão de si” (BARROS, 2004, p.68), o desejo de ser alguém importante para si mesmo. Porém, como Jacobina, quando olhou no espelho não se encontrou por inteiro, nem encontrou a imagem que esperava ser, enlouqueceu e queria ir embora da casa da tia. No entanto, nesse momento de devaneio, acaba tendo uma ideia:

Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. (...) Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir... (ASSIS, 1994, p.6).

Nesse momento, Jacobina consegue se tranquilizar e restabelecer o equilíbrio emocional, ao ver seu reflexo claramente refletido no espelho, por causa da Farda, pois segundo Antonio Candido, essa vestimenta tinha se tornado uma das almas de Alferes, “uma das duas que todo homem possui, segundo o narrador, porque manifesta o seu *ser através dos outros* sem o que nada somos” (CANDIDO, 2012, p.24). Isso mostra que, sua integridade pessoal estava, sobretudo, na “opinião e manifestações dos outros” e no uniforme que vestia, o que gerava um status e uma dádiva social que fortalecia a nova imagem que ia se criando, do Sr. Alferes, que era uma “parte do ser que é projeção na e da sociedade” (CANDIDO, 2012, p.24).

Essa questão, da alma exterior sobressair à alma interna, valorizando a imagem que os outros têm das pessoas, é uma questão que Machado, naquela época, consegue tratar e que vai muito além do seu tempo, que não permeia não só a sociedade dos anos 1880, mas também a atual sociedade. Os seres humanos tendem a seguir os modismos que são implantados na sociedade, um exemplo, são os padrões de beleza. Houve um momento da história, em que, a beleza feminina estava nas mulheres consideradas “com carne”, as gordinhas, o que é diferente em relação aos dias de hoje. Na atualidade, destacam-se as magras como ícones de beleza. Os padrões são impostos de fora, pela sociedade e esta promove os novos objetos e ferramentas que se tornam a segunda alma de muitas pessoas. Objetos e ferramentas como as

mídias e as redes sociais (Instagram, Tumblr, Facebook, Twitter, Youtube, Snapchat etc.) que funcionam como o Espelho e a Farda de Jacobina, verdadeiros objetos que se constituem como uma alma exterior, que é “alimentada” pelas curtidas, visualizações, comentários e likes.

Por meio das redes sociais, as pessoas procuram ser quem gostariam de ser, e que interiormente não são, pois se apoiam no que os outros dizem e pensam sobre ela; por isso, essas pessoas procuram vestir “fardas” para conquistar status e prestígio social que tanto procuram alcançar. Uma destas fardas, por exemplo, é a aparência: aparentar ser fitness, magro, estudioso, bem sucedido, ter dinheiro, entre outras características. E tudo isso se apresenta através de um espelho, que é constituído pelas redes sociais, já que nesses ambientes a pessoa é o que apresenta ser, e não o que é de verdade. Outro exemplo disso é a vida das pessoas que são famosas: a vida delas se constitui em um imenso espelho, que reproduz imagens que precisam ser pautadas no que a sociedade quer que elas sejam, pois tudo é público, e quem move e mantém as celebridades é a opinião pública.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da literatura de Machado de Assis, percebe-se que suas abordagens tratam das condições internas e externas do ser humano, tornando suas obras em cânones literários, por romper com os paradigmas estéticos da literatura e por criar uma literatura de tom universal.

Nessa obra em discussão, Machado mostra que é um homem que está muito a frente das ideias difundidas na sua época, por abordar questões que constituem os seres humanos, não só hoje, mas em todos os tempos desde sua existência. A questão em foco nesse conto, que é como a imagem do ser é criada e sustentada pela sociedade, fazendo com que surja um conflito entre as almas, a alma interior, que é o próprio ser, e a exterior, que é o ser aparente, faz com que muitos leitores, independente da época, se identifiquem com a obra.

A sociedade na qual estamos inseridos atualmente é um exemplo de tal discussão, em que as pessoas vivem em função da imagem que aparentam ter nas redes sociais, nas mídias e nos mais diferentes pontos de encontros, porque na concepção social, mais valem as opiniões e manifestações dos outros, do que própria essência do ser humano.

O objetivo principal deste texto foi o de conhecer um pouco mais sobre a vida do autor e sobre a época em que escreveu seus contos. A partir da leitura do conto, foi possível

constatar como Machado de Assis construiu uma literatura poderosa ao diagnosticar uma série de questões vivas até hoje nas sociedades humanas.

7. REFERÊNCIAS

ACADEMIA Brasileira de Letras. *Biografia*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>>. Acesso em: 10 dez. de 2017.

ALBRECHT, Dâmaris Ellen; VIEBRANTZ, Jéssica Carolina; FRANK, Marcelo Cristiano. Resenha temática: O espelho. 2016.

ASSIS, Machado de. “O Espelho”. In.: ---. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II.

PÁGINA 3 PEDAGOGIA E COMUNICAÇÃO. Biografias: Machado de Assis. UOL Educação. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/machado-de-assis.html>>. Acesso em: 10 dez. de 2017.

BARROS, Marta Cavalcante de. “O espelho”: entre o si mesmo e um outro. *Revista Psychê* — Ano VIII — nº 13 — São Paulo — jan-jun/2004 — p. 61-70.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In.: ---. *Vários escritos*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

CASTRO, A. C. Tensões da identidade pessoal no “Espelho” de Machado de Assis. *Psicologia & Sociedade*, 2012, 24(3), 619-627.

FOLHA ONLINE. *Veja cem curiosidades sobre o escritor Machado de Assis*. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2008/machadocemanosdepois/curiosidades.shtml>>. Acesso em: 10 dez. de 2017.